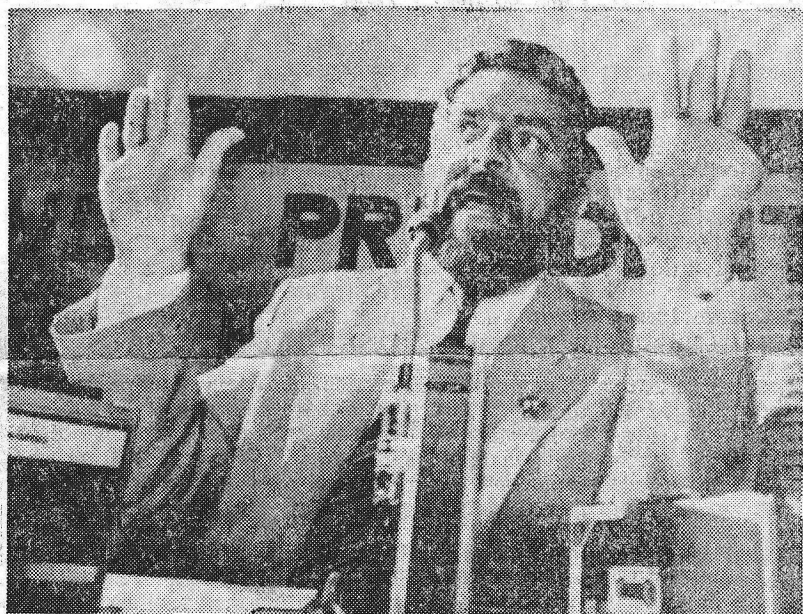




Ricardo Chaves/AE

Lula: "Gostaríamos que a Justiça agisse com firmeza"

Lula se defende na terra de adversário

Candidato critica Caiado e evita comentário sobre a decisão de Erundina

BRASÍLIA — Antes de saber que a prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, tinha decidido afastar o vice-prefeito, Luiz Eduardo Greenhalgh, da Secretaria de Negócios Extraordinários em virtude de seu envolvimento no caso Lubeca, o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, acreditava que o episódio não conseguiria "manchar a credibilidade política do partido". À tarde, quando visitava Anápolis e sabia da decisão, limitou-se a criticar o autor da denúncia, Ronaldo Caiado, do PSD. Caiado nasceu em Anápolis, a segunda maior cidade de Goiás. "Ele deveria concorrer à presidência do Jôquei Clube do Estado", afirmou.

Doa ao Caiado, doa ao cavalo branco de Caiado, nós vamos fazer a reforma agrária custe o que custar", garantiu do palanque do comício da cidade sobre a qual a família Caiado tem a fama de exercer o controle político. Apesar de ver a maioria dos muros pichada com o nome do candidato do PSD, Lula optou por atacar Sílvio Santos na maior parte de seu discurso. "Enquanto eu estava na porta de fábrica, ele estava recebendo concessão de canal de TV da ditadura militar", comparou. "Sílvio Santos estava passando mel na boca do povo e vendendo a ilusão do Baú da Felicidade."

Lula desembarcou na cidade às 16 horas acompanhado do vice de chapa, José Paulo Bisol, da mulher, Marisa, e dos deputados federais Paulo Delgado e Aldo Arantes. Desde o aeroporto, o candidato preferiu apontar a bateria para a candidatura do apresentador de TV. "Sílvio Santos poderia ter saído candidato no início da campanha, quando poderíamos fazer um levantamento detalhado da sua

vida", declarou. "Assim, ele abriu um precedente perigoso."

A caminho do Teatro Municipal, onde tinha um debate marcado com Paulo Maluf, Lula fez um passeio de carros pelas ruas comerciais e chamou a atenção dos vendedores que abandonaram o balcão para assistir ao desfile de bandeiras vermelhas distribuídas pelos organizadores da campanha. Subiu no palanque improvisado sobre um caminhão se queixando da virose que o acamou por três dias com inflamação na garganta, mas falou por mais de meia hora.

Sobre o caso Lubeca e o deslizamento da favela Nova República, em São Paulo, o candidato do PT escolheu uma saída pela tangente: "Eles estão assustados e por isso levantaram essa questão". Comparou o momento com o vivido pelo PT durante governo de Franco Montoro. De acordo com a versão de Lula, o então governador e o ex-ministro Paulo Brossard, "assustados com o crescimento do partido, acusaram o PT de ter matado um casal na greve de Leme, em São Paulo". Para concluir o discurso Lula afirmou: "Depois descobriram que os dois foram assassinados pela PM".

Durante entrevista a correspondentes de jornais internacionais, realizada de manhã em Brasília, Lula comentou o caso Lubeca na defensiva, quando questionado a respeito da administração de Luíza Erundina. "É a prefeitura e não a polícia ou a Justiça quem está apurando as responsabilidades", insistiu.

Sobre o deslizamento da favela, o candidato do PT afirmou que espera rapidez da Justiça para a punição dos culpados: "Gostaríamos que a Justiça agisse com firmeza", declarou. "E antes do dia 15", ressaltou, sob o argumento de que alguns setores da sociedade procuram atingir sua candidatura. "O problema é que não abro mão da minha moral e da minha dignidade, e a classe dominante não perdoa isto", concluiu.